



# Gaiato

AVENÇA

Quinzenário \* 22 de Novembro de 1975 \* Ano XXXII — N.º 827 — Preço 2\$50

**Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes**

Fundador: Padre Américo

Director: Padre Luiz



Casa do Gaiato de Benguela: Flores..., entre as flores.

## Malanje

● O Lupricínio tem cinco anos. É uma criança encantadora. Veio de Henrique de Carvalho, há poucos dias. Lá assistiu ao tiroteio e ficou um pouco traumatizado pelas bombas que caíram na missão das Irmãs.

Assustado — com tantas caras e gente que fugiu da cidade e um helicóptero que aterrou no nosso campo de futebol — veio ter comigo à Capela. Aqui me descobriu e quase a chorar se sentou ao pé de mim.

— Amanhã vais comigo ver as vaquinhas e guias tu a carrinha — só tu com as mãos no guiador.

Continuei e ficou a dormir nos meus joelhos. Que momento feliz! Como és bom Senhor!

● Os guerrilheiros guardam a cidade. Continuo a acreditar nos homens. Os tiros marcam sempre o fim das revoluções. Elas como vulcão geram-se em cada homem e explodem em comum.

Muitos que agora se armam em vítimas inocentes criaram fontes de revolta. Viveram na mesma cidade ao lado de homens irmãos, que desconheciam. Pensaram mais em si próprios.

Muito antes dos tiros fui a um armazenista de fuba, milho e feijão pedir as varreduras para os nossos porcos:

— Quê?! Os negros agora comem tudo. Aproveitam tudo. Têm fome — respondeu.

Olhos e braços virados ao chão. Terra. Terra e dinheiro, mais nada.

As raízes dos canhões estão no coração dos homens.

● Outra vez Missa na sala térrea do velho catequista. Falei-lhes do Teu Reino invisível — nem armas nem dinheiro.

Conhecer os Mandamentos e cumprir na nossa vida.

O velho Jacinto traduz em quimbundo. Eles, dignos e passivos.

Sinto um vazio total. Que falta?

Um castelo a ruir. Pedras soltas.

Uma outra argamassa e diferente construção.

Padre Telmo

## A ESCOLA EM PORTUGAL

A degradação vem de longe. Principiada na Universidade, contagiou primeiro o Ensino Secundário e o Ciclo directo, que lhe estava mais proximamente ligado. A Telescola, porque em regime separado, já o ano passado estrebuchou, sim, mas ainda foi andando... O fim, porém, pressagiava o que viria a ser no presente ano lectivo: uma organização completamente desorganizada. E não só. Também a Escola Primária se encontra já tocada pela onda da dissolução.

Que pode fazer o primeiro Responsável pela Instrução, um após outro, perante este derrube sistemático de estruturas, defeituosas — sem dúvida — perfectíveis — com certeza — que deveriam entretanto funcionar até que fossem mesmo aperfeiçoadas?

Nós queixamo-nos na qualidade de pais de família de numerosos estudantes do Primário ao Universitário, mas também em nome de toda uma Infância e Juventude desrespeitadas em direitos essenciais como são de «poder crescer e desenvolver-se de uma maneira sã», de «receber o tratamento, a educação e os cuidados especiais que o seu estado ou a sua situação necessitam», de «uma educação que contribua para a sua cultura

geral e lhe permita, em condições de igualdade de oportunidades, desenvolver as suas faculdades, a sua opinião pessoal e o seu sentido das responsabilidades morais e sociais e tornar-se um membro útil da sociedade», de «ser educado num espírito de compreensão, de tolerância, de amizade entre os Povos, de paz e de fraternidade universal e na convicção de que é sua obrigação consagrar a sua energia e o seu talento ao serviço dos seus semelhantes» — conforme prescreve a Declaração dos Direitos da Criança aprovados em 1959 pela Assembleia Geral das Nações Unidas.

Onde, entre nós, este clima de compreensão, de tolerância, de amizade, de paz e de fraternidade universal que permita à Criança e ao Jovem crescer e desenvolver-se de uma maneira sã?

A Escola quase não instrui e, com frequência cada vez mais generalizada, não educa. Instituição fundamental para o progresso de um Povo, que poderá fazer assim doente? A verdade é que começamos a temê-la como a uma má companhia e hesitamos sobre se não valerá mais uma cultura possível sem graus académicos, do que a procura destes na desesperança provável da

correlativa competência que deles deveria resultar e que é de exigir.

Neste sector da vida pública é crime todo o aventureirismo, crime que as gerações presentes não-de registar para o futuro, mesmo que já não possam pedir contas a todos os iluminados pró momento.

A Telescola era uma organização vertebrada. Uma senhora pretensiosa desmanchou o esqueleto com a irresponsabilidade de uma criança que quer ver o brinquedo por dentro e depois não sabe montá-lo. Quem a pune por tal atrevimento?

Aqui em Paço de Sousa (escrevo em 10 de Novembro deste ano de desgraça) dezenas de Crianças esperam a criação de uma 2.ª turma de 1.º ano que deveria substituir a extinta 5.ª classe. Supomos que se terá sonhado tal criação porque mandaram já uma credencial para ir buscar um televisor e gravador — que não havia, lá onde mandaram. Portanto, nem televisor, nem gravador, nem qualquer documento a dizer que há um 3.º lugar. Em compensação aparecem três monitores para o dito 3.º lugar.

A ideia peregrina de partilhar pelouros entre a Telescola e a

Cont. na TERCEIRA pág.

## «O LODO e as ESTRELAS»

Enquanto a opinião crítica das cúpulas intelectualistas — em relação a «O LODO E AS ESTRELAS» — permanece mergulhada em profundo silêncio, vamos continuando a revelar, na medida do possível, o testemunho do Leitor.

Um manancial de presenças! É pena, realmente, «O GAÍATO» não poder comportar todas e cada uma! Além disso, a escolha é trabalho penoso. Todas as ressonâncias têm um cunho que as individualiza. São almas abertas sem peias nem espartilhos; que se comunicam pelo teor da Mensagem. E aqui reside a pujança, o valor, a oportunidade de «O LODO E AS ESTRELAS».

Porto:

«Antes de mais peço me perdoem só hoje acusar a recepção de «O LODO E AS ESTRELAS».

Cont. na QUARTA pág.

# PELAS CASAS DO GAIATO

## LAR DO PORTO

**PEDIDO** — É com o máximo de delicadeza e gratidão que escrevo este pequeno artigo, para o nosso jornal, em nome de toda a Comunidade do Lar do Porto.

Como o nosso Lar sofreu uma grande renovação para que os Razes estudantes do Ensino Secundário e Superior possam estar mais á-vontade, o Lar ficou como uma casa construída recentemente. E para termos um pouco mais de alegria, agradecemos que alguns dos nossos leitores nos mandasse um gira-discos, assim como alguns discos.

Despeço-me em nome de toda a Comunidade do Lar do Porto.

Felicidades.

Paço Jorge

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

— Vá lá. Olhe q'o homem está mal. E a mulher...

Fomos.

Ele estava só, à roda de meia dúzia de vides, no quintal.

Abre a porta. E abre a alma. Ouvimos. Nós precisamos d'ouvir para saber dar a mão.

— Sofro há mais de vint'anos. É uma ulçera incurável. E a minha casa, como vê, uma *frância*.

Por cima da mesa, tosca, carco-

mida, e na gaveta, um mostruário de embalagens farmacêuticas; sob o olhar duma imagem, símbolo da fé.

— A sua mulher?!

— Anda na vindima de... Quer que a mande chamar?

— Não senhor.

Não espera perguntas. Não se fecha em copas. Diz, diz, diz...

— Éramos dois infelizes... Ela é muito mais nova do que eu... Agarremos o pescoço um do outro e pronto!

Os nossos olhos iam avaliando a imagem triste daquela *moradia*, enquanto o homem desabafa.

— Ela ainda não havia de trabalhar. Está muito fraca. Está na *guarda do mês*... Mas a vida dos Pobres é assim!

A moradia são paredes ao alto, defendidas por um telhado. Nem portas interiores, nem tecto. Paredes nuas!

Continua a história. Igual a tantas que a gente sabe. Mas todas e cada uma delas com um sabor próprio. Mais amargo do que doce.

— Comecei a casa só com 800\$00. Deram-me o terreno. Fiz escritura. Naquele tempo ganhava só 200\$00 por mês, cama e mesa. Emprestando-me 4.000\$00. E comecei a levantar paredes. Dei uma volta pela freguesia, arranjei algum dinheiro e mais. O telhado foi do Gaiato.

— Há galinhas e coelhos na cozinha?!

— Querias, sim; queria fazer uma cortelhinha para arrumar os bichos. Mas não posso! O que hei-de fazer? Não posso! Só depois de casar é que eimentei a cozinha...

O pobre homem, quando pode, anda a jornal; aqui e ali. Está inserido na Casa do Povo. Se não..., ó desgraça!

— Mas, q'ando estou com baixa, o diuheiro demora. E não chega! Vida

de Pobres... O que nos vale é a gente fazer um campito, de que pago 4 alqueires do senhorio. Tiro de lá batatas e cebolas e *coibes*...

A casa esmaga-nos os olhos da cara e da alma. Esmaga-nos!

— Eu não posso fazer mais! O sr. doutor já disse que não tenho cura...

— Veja lá se consegue um orçamento de trolha e carpinteiro para tomarmos alturas e vermos a possibilidade de se acabar a casa. Mas não prometemos nada!

Mal iria o recoveiro dos Pobres — como os políticos... — se se tentasse pelas promessas! Não prometemos nada, nada a ninguém.

Hoje, temos notícias:

— Nem quis ver! Está tudo pelas ruas da amargura — desabafa o Prostrado.

Abrimos as propostas. Trolha, 15.000\$00; carpinteiro, 8.500\$00.

E caímos nos braços um do outro!

Se não tudo, há que fazer o principal. Já! Antes que o frio e a chuva caustiquem ainda mais aqueles corpos doentes, subalimentados — doridos de tanto sofrer.

**PARTILHA** — Assinante 9022, do Porto, com 20\$00. O mesmo de um amigo de D. António Barroso. Persistência!

Mais 50\$00 da assinante 17022, com a amizade de sempre. O mesmo de Pardilhó; lembre-nos ao Pai do Céu!

Lisboa:

«Peço-vos o favor de me ajudardes a sufragar a alma de uma pessoa querida, aplicando a magra quantia de 100\$00 num dos mais necessários que conheci através da vossa Conferência.

*Fico a pedir ao Senhor que multiplique as pequenas boas-vontades aumentando a generosidade dos que não podendo muito materialmente têm medo e ainda pensam mais em si do que nos Outros. É o uso. Que o Senhor nos ajude a libertar de tantas cadeias invisíveis — mas reais.»*

Mais 250\$00, da capital, «para algumas dessas Viúvas carregadas de filhos que aí vão pedir socorro». Agora, vem lá uma «velha Assinante» de Estremoz, a quem já escrevemos a dizer que sim; pode mandar o que entender. O nosso Alentejo vai aqui muito bem!

Tornemos a parar um nadita. Vale a pena. E leiam — com os olhos da alma:

«Para os Irmãos socorridos pela Conferência, junto 200\$00 por alma de meus Pais e em substituição de flores caras nas suas sepulturas neste dia 1/11/75 — e em todos os outros dias do ano.

Com um abraço cheio de amizade de uma portuense qualquer.»

Somos uma Igreja de vivos ou de mortos? Eis a Boa Nova!

Mais um sufrágio, de Oledo:

«Com a finalidade de sufragar as almas dos meus queridos Pais, Irmãos, Irmãs e demais obrigações, envio 100\$00 para a Conferência. Não o faço directamente para evitar novo registo postal, pois como é do conhecimento de todos é bastante elevado. Conto ficar no anonimato.

Peço a Deus que vos dê Força para suportardes a cruz do vosso trabalho.»

Muito obrigado.

Júlio Mendes

Por Rogério

# SETÚBAL

«DEUS NÃO DORME» — Os homens decididamente não se entendem. Nunca como hoje se achou tão necessário que no mundo os homens se amassem. A cooperação entre todos os povos, sob o signo da amizade, deitando para o caixote do lixo todos os capeamentos de exploração, a qualquer nível que seja, dos que se dizem super-desenvolvidos para com os sub-desenvolvidos. Uma maior riqueza, uma menor exploração, um acréscimo dos meios de desenvolvimento e subsistência, uma maior felicidade entre todas as gentes, independentemente de pigmentação de pele, são, entre muitos outros, alguns dos resultados palpáveis e sumamente positivos que se podem obter, se no mundo, bem lá no fundo dos corações, germinar a semente do amor.

Os caminhos da concórdia, da paz e da inter-comunhão são

hoje uma aspiração da maioria dos habitantes deste planeta.

Os resultados da Conferência de Helsinquia se ao menos não são palpáveis em realizações concretas (pois, hoje aqui, amanhã acolá, rebentam os conflitos, justificam-se actos de vandalismo e destruição com termos de mentira e de ódio), não é menos certo, porém, que os homens são já em si bastante positivos, na medida em que traduzem esta ânsia que muitos homens possuem de quererem sanados os conflitos, de se acabar com a mentira e com os ódios e de todos poderem finalmente viver em cooperação, em harmonia e em paz.

«Deus não dorme», costuma dizer o povo. Ele, que tudo sabe, que tudo conhece, Omnipotente e Criador, certamente que não dorme ao ver tantos humildes serem tão maltrata-

dos. E, pior ainda, ao ver tantos inocentes serem desalojados ou chacinados, só porque a preocupação primeira é a de impor determinada ideologia política.

Nunca como hoje falou tanto a lei das armas, da força e da confusão. Mas Ele não dorme e vai tocando os corações dos homens. A voz dos Pobres, dos Oprimidos, dos Humildes, dos Inocentes, de toda essa gente anónima que luta de sol a sol contra a cruza dos elementos, essa voz tem de ser ouvida por todos os homens de boa vontade que passam e continuarão a passar, geração após geração, por cima da terra. Todas as soluções para os inúmeros problemas que enchem o nosso conturbado mundo, têm de passar pelos filtros do amor, essa luz que vem irradiada de Deus, essa água viva que todos temos de beber. En-

tão, e só então, poderemos ter um mundo melhor e mais humano, onde a cada um não falte o pão necessário para a boca nem o necessário para o espírito.

xxx

O Oscar fugiu. O Oscar voltou. Já não é novidade. Não foi essa a primeira vez. E se calhar até nem será a última.

É um rapazinho louro, de cara salpicada e de olhos rebeldes. Está na 2.ª classe, a repetir. É uma criança esquiva e seus traços anatómicos revelam donde veio e quanto tem sofrido. É oriundo do Algarve, duma terreola perto de Faro — Almancil.

Há dias fugiu com o «Serrador». Há-de arranjar sempre uma companhia, a quem cativa

Cont. na QUARTA página

## Paço de Sousa

**MAGUSTO** — Teve lugar em nossa Casa o magusto, que se efectuou com a maior alegria e boa disposição.

Era o Dia de Todos os Santos. De manhã, o tempo parecia convidar-nos mesmo para o magusto; mas, quando chegou a hora do mesmo se efectuar, começou o chover, chuva miúda, que molhava.

Com chuva ou sem ela, o certo é que o magusto se realizou. Os chefes de cada casa, por volta das 4 h da tarde, dirigiram-se à despensa a fim de lhes serem entregues as castanhas que estes iriam distribuir aos seus Rapazes, depois de assadas.

Como estava a chover, tivemos que assar as castanhas no barraco do cascalho, onde os mais pequenos se entretêm a partir pedra, quando o tempo está ruim.

A primeira casa a ter castanhas assadas foi a casa 3 de cima, juntamente com a casa 2 de baixo. Mas tivemos que esperar pelas outras casas para comermos as castanhas juntos.

Alguns, enquanto esperavam, aproveitaram para ir tomar banho; outros entretinham-se com a bola; outros ainda, esperavam, etc. Mas eis que chega o momento em que as castanhas vão ser comidas; e tudo se prepara com a maior ordem para este acto comunitário e, claro, como não podia deixar de ser, com a maior alegria.

Não podiam ser só as castanhas a dar-nos alegria; faltava o vinho; uns bebiam mais, outros menos, mas mesmo os que beberam mais não fizeram asneiras.

Tudo correu na melhor ordem e sem problemas.

E o magusto dos leitores também correu da mesma forma que o nosso? Até sempre!

«Marcelino»



O Faustino casou!

TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T.A.P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

# Revolucionários

Por ser uma acção a nível familiar, não um movimento de massas, a Auto-Construção espontânea não dá nas vistas. As pequenas-grandes obras são feitas assim mesmo, sem folclore.

Não fosse a Auto-Construção, como seria o gravíssimo problema da habitação nos meios rurais? Muito mais empolado!

Somos abordados por outro Trabalhador, que tira ao seu corpo quanto pode a fim de levantar uma moradia decente para si e para os seus. Impaciente e com razão:

— Tenho estado à espera. Quero que veja... Apareça!

Hoje, fomos estrada fora. O cheiro a mosto; o quadro multicolor das videiras, aparentemente exangues; a fraternidade e beleza da Natureza cantadas por Francisco de Assis; a Mãe-terra criada por Deus para todos os homens. Tudo aflorou.

— Até que enfim!

Ele, de chapéu de palha, embrenhado em materiais de construção. Ela, com latões d'água para o andar de cima. Só faz um gesto. Sorri. Implicitamente diz que não há tempo a perder.

Analísamos, com o marido, o critério do projecto:

— Eu é que fiz o risco. Deu muito que coçar! Noites mal dormidas... Mas a casa é pra nós. E como a gente sabe o que quer, o técnico seguiu as minhas ordens.

Concretiza melhor:

— Está a ver aquela? Praticamente tem uma área igual à minha. O pobre vizinho aceitou o projecto que lhe deram; agora, está triste. Além de cara não está bem dividida. Venha cá dentro ver a minha.

Silenciosa, a mulher permanece escada abaixo, escada acima. Latão, sarilho, água.

— Custa; custa muito; mas é preciso!, berra lá de cima, finalmente.

— O q'ela se tem sacrificado!..., acrescenta o Auto-Construtor.

O amplo rés-do-chão, todo granito, é um monumento!

— Houve quem me criticasse. Mas é outra loiça, outra segurança. Olhe q'os pedreiros são homens que não perdem um minuto! Tive sorte. Claro, eu e ela ajudamos. Olhe pró rústico. É meu. Eu é q'o fiz!

Põe a mão na pedra. Acarícia o sacrifício! Mostra os calos. Medalhas de um verdadeiro revolucionário. Fixa a mulher. Sorri. E continua:

— O patrão trabalha ò nosso lado. Ele é que tira os materiais. S'eu fosse à loja não tinha descontos. Com'ê encartado, tira-os ò preço da fábrica e não cobra nem mais um centavo.

Cooperativismo!

No caso específico deste e de outros Auto-Construtores, sabemos que, na prática, seria difícil um trabalho de grupo: por via da sua dispersão e saturação; por ser uma acção pessoal ou familiar mais ou menos limitada no tempo; e atendendo à capacidade económica, à iniciativa ou aos apoios de cada um.

Em face destas limitações, incontestáveis, porque não sai do Terreiro do Paço um decreto-lei concedendo ao Auto-Construtor — credenciado e que se esmaga num investimento de interesse nacional — o direito de poder adquirir materiais directamente ao produtor, fraccionadamente? Seria a concretização prática, imediata, da doutrina expressa — e já aprovada — na Constituição do País, no que toca ao seu ponto 2, alínea b), das disposições relativas à habitação.

Estamos a ver os escolhos;

o olho de lince do cobrador de impostos!

Hoje, à face da lei, o passaporte do turista serve de conta-corrente de divisas. O imposto de transacções corre num círculo fechado. É assim tão difícil um processo similar para o indispensável controlo de materiais?! Oficialmente, a moradia tem uma área demarcada...

O Estado não faz favor nenhum ao conceder todos e quaisquer benefícios ao Auto-Construtor. Dispensá-lo de intermediários seria um investimento (ou incentivo) muito mais rendoso do que pedir empréstimos no estrangeiro a juro baixo.

Percorremos as divisões do prédio. Mas, a páginas tantas, o homem encosta-nos à parede. E confidencia:

— Dinheiro?!... Tenho-me desenrascado como posso. Tudo o que tinha está aqui. E dos meus familiares, também... Tenho conseguido desenrascarme!

Outra achega para analisarmos fria e sucintamente o valor sócio-económico da Auto-Construção espontânea: dá vida a pequenas poupanças que esta-

riam imobilizadas no colchão, à prova de ratos e da própria inflação galopante...

— Aproveitamos todas as horinhas — continua. Custa. Custa muito. Andamos derreídos! Mas, amanhã, quando estivermos aqui, as paredes são testemunhas de muitas bagadas de suor e do cinto apertado...! Mal tenhamos a nossa casa coberta, vimos logo práqui, logo!, para o rés-do-chão. Não pagamos renda... E continuaremos a acabar o primeiro andar.

Aquele nossa foi proferido com ênfase. Tem um significado transcendente; maior do que a posse. É a vitória de uma batalha — mais uma! — em que andam empenhados centenas de heróis, neste Vale do Sousa e não só, que preferem construir ou reconstruir por suas mãos este País desde a sua casa, do que andar todos os dias aos berros pela rua como se fosse apenas aí, espalhafatosamente, que faremos uma Pátria igual para todos.

Que seria da França, da Alemanha, da Inglaterra...?!

Júlio Mendes

## A Escola em Portugal

Cont. da PRIMEIRA pág.

Direcção Escolar quanto à nomeação de professores faz destes milagres de fartura..., que não remedeiam a fome.

Mais; o Posto nem sequer tem Responsável porque aquele que está indicado para tal pela sua experiência de vários anos, nem sequer recebeu ainda carta de confirmação de que é monitor, nem foi substituído no seu lugar na Escola Primária. A menos que as meninas recém-formadas pelo Magistério Primário em Julho passado, que aí apareceram, tenham de somar ao seu estremecimento de naturalíssima timidez e impreparação perante as turmas, o encargo, para que não estejam competentes, de encarregadas de Posto. Este tem funcionado na sequência da sua estrutura de Posto particular pelo respeito que nos merecem os Rapazes e os demais jovens que naquela circunstância de funcionamento estavam matriculados. Os outros, os que passaram a ter acesso ao Posto oficial, vêem passar os dias e sucedem-se as lições, no vazio das aulas.

Escrevemos — não nos respondem. Telefonamos — ninguém se entende.

«Isto é um pandemónio; o senhor nem calcula...» — gemem-me do outro lado da linha.

Uma vergonha — digo eu.

Padre Carlos

## O casamento do «Xico» Zé

Alegria e animação, foi o que aconteceu no dia 12 de Outubro, um domingo, em que o «Xico» mais a sua Maria José se uniram pelos laços do Matrimónio, vindo assim a constituir uma nova família.

O sol já pouco frequente nesta época do ano não deixou de estar presente com o seu manto dourado enquanto que uma leve aragem soprava de norte.

O «Xico» Zé, nosso há 17 anos, deu entrada nesta Casa com a idade de 9 anos. Seguindo uma vida interna comum a todos, veio a ser eleito chefe-maioral, exercendo o mandato até à sua ida para a tropa em Outubro de 1970. Volvidos 8 meses embarcou para Macau onde foi acabar o serviço militar.

Retornado a Portugal, ali-cerçou as relações com a Maria José que já antes havia conhecido.

Ela é oriunda de família alentejana, natural de Elvas, há bastante tempo residente no Tojal.

Vencendo cada um as contrariedades impostas pela vida e mantendo-se no firme propósito de formarem um só corpo, vieram agora perante o Altar firmar o SIM irrevogável aos olhos de Deus.

Por volta das 12,30 h os noivos, seguidos pelos convidados, encaminharam-se para a Igreja Paroquial onde a cerimónia teve lugar.

Pe. Abel e Pe. Moura, como

ministros da Igreja, confirmaram o Matrimónio. Adivinha-se o sentido da homilia feita pelo Pe. Moura. Um chamar à atenção para os sentimentos

de responsabilidade e coesão que devem assistir estes dois seres, pois a vida é feita de bons e maus momentos, sendo nestes últimos quando o sen-



Jorge Cruz

# AQUI, LISBOA!

Muitas vezes se fala da importância do ser sobre o ter e a vida nas suas controvérsias nos vai mostrando essa importância, por vezes com uma evidência brutal e dolorosa. Reparemos nos milhares de pessoas que hoje estão entre nós, que deixaram todos os seus haveres e se vêem perante a vida sabendo que têm que começar do nada.

Há dias, falando com uma senhora recentemente chegada de Angola, recebi uma imagem que ilustra bem como as contingências da vida podem fazer alterar as circunstâncias.

Dizia-me ela com certa graça:

— Dantes, nós, os «Africanistas» quando vínhamos a Portugal, fazíamos um vistão no meio da nossa família. Chegávamos cá, alugávamos um carro, levávamos todos a passear, pagávamos as despesas e dávamos prendas. Agora, chegámos com os bolsos cheios de cotão à espera que nos dêem uma malga de sopa.

Na vida, aquilo que perdura, é o diálogo connosco próprios, com Deus e o bem que fazemos que aquece a nossa consciência. Isto perdura porque são valores eternos.

Que Deus ajude todos aqueles a quem a vida colocou em situações dramáticas, para que não endureçam e não tornem este mundo mais desconhecido e hostil.

x x x

Para não vos falar apenas em coisas tristes, trago-vos hoje a recordação de uma história simples passada comigo numa das nossas Casas. Não devemos perder a sensibilidade de encontrar sabor nas coisas simples.

Aqui vai a história:

Estava eu no escritório e um grupo de Rapazes vem até mim com vozes aflitas:

— O João partiu uma perna.

Sempre tive muito respeito por tais partidelas e imediatamente me desloquei para junto do ferido. Este, deitado no chão, chorava. As lágrimas inundavam-lhe a cara. Muitos mirones davam as suas sentenças. Eu, receando que o barulho tornasse ainda mais dolorosa a fractura, impus silêncio, muito convencido da necessidade dele... e acrescentei:

— Vamos imediatamente ao médico.

Alguém me avisou:

— O João tem as calças sujas de andar no campo. É preciso mudá-las.

Respondi:

— Que importa as calças sujas? Se tivesses uma perna partida gostarias que te mudassem as calças?...

Mas um outro mais apressado já regressava da rouparia com umas calças lavadas e acabei por tentar a mudança. Foi uma operação demorada e complicada. Empreguei mil jeitos, sempre perguntando: — Doi-te muito?

Calças mudadas, novo problema se punha... Levar o João para a carrinha. Não entreguei tal missão a ninguém receando não lhe serem dispensados os cuidados suficientes. Peguei-lhe ao colo mantendo a perna muito direita... e, lentamente, para evitar qualquer solavanco, iniciei a procissão. Escadas descidas degraui a degraui, passos dados como que a pisar ovos, lá levei o João sempre chorando, até que finalmente chegámos à carrinha. Alguém abriu a porta. Pro-

cuirei o melhor jeito para entrar. Sentei-me, mas a perna partida do João, muito esticada, apoiada no meu braço, ficava de fora. Antes que eu tivesse tempo de solucionar este problema — grande surpresa — a perna dobrou-se e muito calmamente o choro acaba! Caio em mim e começo a rir. A rir-me de mim próprio pela figura de tolo que fiz em toda esta cena. Compreendi toda a questão. O João tinha caído, naturalmente doeu-lhe a perna que chegou mais depressa ao chão... E todos colaboraram para o ajudar a convencer que a perna estava partida. Assim nem sequer pensava em movimentá-la. Até que...

Naquela hora, agradei ao João o episódio cómico que nos proporcionou. É certo que corri o risco de para a próxima vez não acreditar. Mas não creio. Penso que a repetir-se a cena voltarei a ter os mesmos cuidados... E queira Deus que seja igual o desfecho.

Padre Abel

## «O Lodo e as Estrelas»

Cont. da PRIMEIRA pág.

Quero agradecer muito especialmente ao Padre Telmo, pois este livro veio fazer luz na minha alma. E derramar como que um bálsamo precioso numa chaga que as «injustiças humanas» abriram há mais de 5 anos no meu coração e até mesmo na minha alma!

Agora, depois de devorar o livro, o meu grito de mágoa e de revolta já não vem tantas vezes ao de cima! Tenho até já chegado a pedir a Deus, «depois dessa leitura onde casos de flagrantes injustiças se nos depaeram» que me dê serenidade e paz para poder perdoar aque-

## Campanha de Assinaturas

Durante a última quinzena recebemos mais algumas dezenas de novos Assinantes; por intermédio dos postais RSF, por carta, pelos vendedores de «O GAIATO» e de visitantes.

Admirámos, por exemplo, o interesse de um pequeno industrial do Porto, deficiente, de mãos calejadas. «Todos os anos, neste dia, os meus filhos não me deixam trabalhar.» Um dia negro da sua vida. E com voz embargada: «Hoje quero ser assinante de «O GAIATO». Quero estar mais em contacto convosco».

E esta carta de Lisboa?:

«Por casualidade fui hoje, domingo, à Missa das 9,30 h à Igreja de N. S. de Fátima; digo casualidade, por normalmente participar na Missa da

Igreja de Benfica, mais próxima da minha residência.

Ao sair, deparei com um Gaiato que à sua maneira apre-goava o jornal.

Comprei. Li tudo com muito interesse, porque ele é só interesse. Do que li — tudo com interesse, repito — duas coisas me tocaram grandemente na minha sensibilidade de homem e de católico.

(...) A partir de agora conte com mais um assinante para «O GAIATO»...

Agora, a talhe de foice, um postal da Covilhã que servirá de lição a uma ou outra ousadia bem intencionada:

«(...) Escrevo-lhe pelo seguinte:

Embora vá comprando amiudadamente «O GAIATO», peço-lhes o favor de darem baixa da assinatura n.º 21.300, em meu nome, por não ter sido eu a fazê-la.

Por isso e tudo o mais de bem que vão fazendo, o meu muito obrigado.»

Os senhores tenham cuidado! Não proponham nomes sem consentimento do próprio. As prováveis assinaturas são um encargo que não compensa.

Finalmente, registámos novos Assinantes de Viana do Castelo, Porto e Lisboa uma data deles, Valdigem, Espinho, Carvalhos, Penafiel — aqui ao pé da porta! — Barcelos, melhor, Barcelinhos, Amora, Braga, Castelo Branco, Setúbal, Barreiro, Estarreja, Ovar e Vinhãl (V. N. Famalicão).

Júlio Mendes

Não será isto uma injustiça flagrante?!

Não vos posso descrever o que tenho sofrido ao longo destes 5 anos (os piores da minha vida). Cheguei a pensar em pôr termo à vida, pois ela se tornou em terrível pesadelo! Mas decerto que meu Marido intercedeu junto de Deus. Pois Ele é o único que faz justiça sem leis.

Consegui emprego. E, assim, à custa de muito trabalho e de muito sacrifício, vou criando os meus filhinhos, honradamente, graças a Deus.

A obra do Padre Telmo, desbobinando diante dos meus olhos tantas injustiças, através das suas páginas, disse-me: Esquece a tua dor! Esquece as injustiças que te fizeram! E pensa também nos teus Irmãos que sofrem fome e sede de justiça.»

Em tudo uma carta inteligente e digna! — comentou o Padre Carlos.

Júlio Mendes

## SETÚBAL

Cont. da SEGUNDA pág.

e por quem é cativado. Fui buscá-lo aos Belos. Vinha de Alcácer do Sal, onde foi apanhado pela Guarda. Veio ao cuidado do condutor, com ordens de ser entregue em Setúbal a quem da Casa do Gaiato o fosse buscar. O «Serrador» não voltou. Ficou por lá com a mãe.

— Foi o «Serrador» quem me «desafiou» — dizia-me o Óscar tentando atenuar a sua culpa. Seu cartório já tem muitas. Mas já lá vem de trás quem o empurra. E esses têm-nas muito mais. Enquanto as do Óscar são «culpas inocentes» as destes são «culpas culpadas»...

Chegado a Casa, à noite, voltou a fugir. Veio da rua e seu desejo cego de voltar à rua ainda o não abandonou. Vai, mas nem ele sabe bem para onde. Por lá anda uns dias e quando a fome e o frio o comecem a apertar, vem de novo rondar as portas ou colocar-se em locais estratégicos onde possa ser visto.

O Óscar voltou a fugir na-

quele fim de dia. Hoje fui encontrá-lo sentado à porta do supermercado do Pão de Açúcar. Vestia roupas de semana e estava tão sujo que mal se podia olhar para ele.

— Mas porquê? Porque é que fugiste outra vez, homem? — perguntei-lhe.

— Então tu, com 12 anos, andas na 2.ª classe... — e o relatório para o chamar à razão ia sendo desfiado.

— Não gosto de cá estar — conclui.

Pois é. O irmão do «Serrador» prometera que o levaria ao Algarve. Como se de Alcácer a Almonacid fosse dar dois passos e já está. Ainda por cima, sem meios, sem nada. A vida por lá é mais fácil. Não há estruturas. Não há que a gente se sujeitar a nada, nem a ninguém. Podemos é ter o azar de a Polícia nos apanhar. Enquanto os guardas não nos saírem ao caminho, vai tudo bem. Pede-se esmola. Rouba-se. Fica-se em qualquer lado. É a atracção pela rua!... O Óscar foi ao encontro de

qualquer coisa. Nem ele sabe o quê. Mas há mais Óscares que procuram essa coisa que perderam e que querem encontrar. Não sabem sequer que caminho hão-de seguir, mas ousam ir procurar. Aquilo que lhes faltou e que as Casas do Gaiato procuram dar: um lar, o carinho, o aconchego, uma família. Mas não sabem como. E como hão-de saber, se as próprias entidades competentes o não sabem? Julgam fácil aquilo que o não é. Revolucionar estruturas, desemperrar aquilo que nunca «levou óleo», não é fácil, nem está ao alcance dos Óscares que partem às cegas, procurando numa sociedade aquilo que ela sempre lhes rejeitou.

O Óscar presentemente está connosco, em nossa Casa. Queira Deus que seus sintomas de revolta escondida lhe desapareçam completamente. Só o tempo lhe poderá dar o amadurecimento suficiente para perceber quem hoje o ajuda e quem ontem o rejeitou.

Rogério



PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa  
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa